

Tiro, Porrada e Bomba: A Jornada do Herói em Tropa de Elite 2, 2010, de José Padilha¹

Samantha Diefenthaler²

Miram de Souza Rossini³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Partindo da análise do personagem Capitão Nascimento, do filme *Tropa de Elite: O inimigo agora é outro* (2010), de José Padilha, busca-se compreender este personagem e o seu impacto midiático e social no Brasil. Para isso são tencionados dois polos: o do herói, a partir da proposta apresentada por Vogler (2006), e o do anti-herói, a partir de Brombert (2001). Assim, é possível problematizar tanto a construção desse personagem quanto o modelo narrativo de um tipo de cinema brasileiro contemporâneo, aquele de feições mercadológicas, e sua relação com as tradições narrativas do cinema brasileiro.

Palavras-chave

Cinema Brasileiro; Herói; Anti-herói; Jornada do Herói; Tropa de Elite 2.

Introdução

Em 2007, o lançamento do filme *Tropa de Elite* (2007) de José Padilha, gerou grande polêmica no cenário nacional; suas cenas de violência explícita vieram à tona e incitaram debates sobre a conduta do personagem Nascimento e sua recepção calorosa pelo grande público. O protagonista e a sua fórmula de violência para combater a violência trouxeram à tona uma reflexão sobre o que é louvado no personagem e sobre a identificação que ele gerou em várias camadas de nossa sociedade. Afinal, o Capitão Nascimento considerado um herói pelo público estava longe de apresentar traços realmente heroicos.

Talvez por conta dessa identificação inesperada até para os realizadores, o personagem é transformado no segundo filme da sequência, *Tropa de Elite II: O inimigo agora é outro* (José Padilha, 2010). O protagonista que retorna é agora um homem mais velho e maduro, apresentando uma patente de Coronel, e aparentemente suas características heroicas estão melhor definidas dentro de um padrão clássico de heroísmo. O público expressivo que o filme obteve, e os aplausos renovados para o personagem, nos permitem imaginar que houve uma mudança significativa nele, que acabou sendo considerado o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Relações Públicas, concluído em julho de 2015. E-mail: samanthadief@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em História. Bolsista do CNPq. E-mail: miriam.rossini@ufrgs.br.

primeiro herói do cinema brasileiro contemporâneo.⁴ No entanto, essa visão não resiste a uma nova visualização do filme, e é tal fato que impulsionou o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este artigo.

Para entender as características deste protagonista, são observadas as ambiguidades criadas entre o plano da imagem audiovisual (em especial planos, enquadramentos, montagem) e o da narrativa (voz narradora e diálogos). Confrontando a fala do personagem e suas ações é possível encontrar outras chaves de leitura para ele, que nos levam a reposicionar as características heroicas e anti-heroicas desse personagem, e ao mesmo tempo relacioná-lo com suas linhagens no cinema brasileiro.

Decifrando o Heroísmo

Deparamo-nos, em diferentes momentos, com uma figura que desenvolve um papel fundamental em um enredo e que é reproduzida em diferentes tramas, mas apresenta características semelhantes. Carl J. Jung (1964, p. 64) explica que os “instintos podem, também, manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas”. Essas imagens são denominadas *arquétipos*, e representam padrões que são compartilhados por nossa sociedade. Segundo Vogler (2006, p. 72), podemos afirmar que “as histórias podem ser lidas como metáforas da situação humana geral, com personagens que incorporam qualidades universais arquetípicas, compreensíveis para o grupo assim como para o indivíduo”.

Consequentemente, os personagens que aparecem de maneira recorrente em diferentes enredos são arquétipos e representam em suas características os anseios, os desejos e os medos do inconsciente, ou, até mesmo, do consciente de uma população. Entretanto, devemos ter cuidado: um arquétipo não possui características fixas; assim como as pessoas, eles são mutáveis. Vogler (2006, p. 71) ressalta que “pode-se pensar nos arquétipos como *máscaras*, usadas temporariamente pelos personagens à medida que são necessárias para o avanço de uma história”.

Um exemplo de arquétipo que apresenta diversas facetas é o do herói: “o arquétipo do herói geralmente representa o espírito humano numa ação positiva, mas, também, pode mostrar as consequências da fraqueza ou relutância em agir” (VOGLER, 2006, p. 82). Por isso, esse personagem tem como característica a capacidade de sofrer mutações em sua

⁴ Para fins desse artigo, estamos amplamente entendendo o cinema brasileiro contemporâneo como o conjunto de filmes pós-2002, correntemente identificado como o período pós-retomada, e que tem *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lundt como seu marco inicial.

personalidade no decorrer do enredo que está inserida, incorporando o aprendizado e as energias de outros personagens. Vogler (2006) explica que:

A palavra herói vem do grego, de uma raiz que significa “proteger e servir”. Um herói é alguém que está disposto a sacrificar suas próprias necessidades em benefício dos outros. Como um pastor que aceita se sacrificar para proteger e servir seu rebanho. A raiz da ideia de Herói está ligada a um sacrifício de si mesmo (VOGLER, 2006, p. 75).

Esta definição nos revela que tal figura possui como característica primordial o sacrifício. Em seus estudos já clássicos sobre o herói, Campbell (1990) relaciona-o com a psicanálise, e afirma que “o herói é aquele que, embora ainda se encontre vivo, conhece e representa os apelos da supraconsciência que é, ao longo da criação, mais ou menos inconsciente” (CAMPBELL, 1990, p. 132).

A figura do herói nos transmite segurança. Isso é possível porque esse arquétipo se configura como uma personificação simbólica, com a qual podemos nos identificar e almejamos ser. Ele leva em sua estrutura uma conexão com o homem comum, por isso “os heróis têm qualidades com as quais todos nós podemos nos identificar e nas quais podemos nos reconhecer” (VOGLER, 2006, p. 77). O fato é que todos somos heróis que enfrentamos uma batalha em nosso interior. O caminho de um herói corresponde a uma jornada. Campbell (1997, p. 187) sustenta que “o mito do herói fala de uma perigosa jornada da alma, com obstáculos a serem transpostos”. A Jornada do Herói pode ser contada de infinitas maneiras, mas, geralmente, ela possui um padrão: “um herói sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho”. (VOGLER, 2006, p. 51). Nesse percurso, o herói deverá se retirar da sua zona de conforto e se aventurar em novos caminhos.

A principal característica dessa aventura será o aprendizado. Aprender no decorrer de uma jornada é outro fator que permite uma aproximação entre um herói e o seu receptor em um enredo. Vogler (2006, p. 78) ressalta que “o ponto central de muitas histórias é a aprendizagem”. Estamos constantemente nos aventurando em novos ambientes de acordo com as nossas etapas de vida, assim como o herói que irá fazer novas descobertas no decorrer da sua história.

Existem estruturas básicas que permitem o desenrolar e a fluidez deste percurso em um enredo; essas são denominados como estágios. Vogler (2006), em seus estudos, classificou-as como:

1. Mundo Comum
2. Chamado à Aventura
3. Recusa do Chamado
4. Encontro com o Mentor
5. Travessia do Primeiro Limiar
6. Testes, Aliados, Inimigos
7. Aproximação da Caverna Oculta
8. Provação
9. Recompensa (Apanhando a Espada)
10. Caminho de Volta
11. Ressurreição
12. Retorno com o Elixir (VOGLER, 2006, p. 50).

Uma história não precisa seguir necessariamente a ordem dessa estrutura. Ela apenas ajuda o desenrolar de uma trama, permitindo uma aproximação do público com o personagem, ampliando, assim, as possibilidades de uma conexão com a nossa busca interior.

Para definir um herói e evitar confusões é fundamental reconhecer que a sua principal característica é a capacidade do “sacrifício – esta, sim, é a verdadeira marca do herói” (VOGLER, 2006, p. 79). Geralmente, há uma confusão entre a significação de herói e anti-herói. Vogler (2006) afirma que “um anti-herói não é o oposto de um herói, mas um tipo especial de herói (...) com que a plateia se solidariza”. Por isso “nos identificamos com esses marginais porque todos nós, uma ou outra vez na vida, sentimo-nos marginais” (VOGLER, 2006, p. 83). O autor classifica o anti-herói em dois tipos:

1. “Personagens que se comportam de modo muito semelhante aos Heróis convencionais, mas a quem é dado um toque muito forte de cinismo, ou uma ferida qualquer.
2. Heróis trágicos, figuras centrais de uma história, que podem não ser admiráveis nem despertar amor, cujas ações podemos até deplorar” (VOGLER, 2006, p.84).

Brombert (2001) acrescenta que o termo anti-herói surge de uma desmistificação do herói: “a des-heroização do herói, uma tendência manifesta especialmente desde os heróis passivos, está relacionada com a noção pessimista e idealista” (BROMBERT, 2001, p. 84), que está cada vez mais presente em nossa sociedade atual.

O arquétipo do anti-herói se aproxima da nossa realidade. O herói na contemporaneidade passa a carregar como característica a complexidade. Segundo Morin (2006, p. 5), “é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples”. O herói, assim como nós, será um personagem que possuirá características cada vez mais multifacetadas. Iglesias (2014) ressalta essa ideia ao afirmar que:

O protagonista já não responde à questão clássica: é bom ou mal? Agora seus atos são suscetíveis a uma questão muito mais complexa: em que sentido é bom ou mal? As decisões, portanto, tem um bom fim ou um mau fim em função do que ocorra (IGLESIAS, 2014, p. 9).

Iglesias (2014, p. 11), em seu livro *Os Heróis estão Mortos*, afirma que “a reflexão, entendida como autocompreensão, como reflexo espetacular, implica uma demolição fundamental dos princípios clássicos, uma mudança radical de paradigma”. Essa mudança de paradigma nos revela que “a tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século passado” (CAMPBELL, 1997, p. 199). Alves (2009), contrapondo o modelo de herói retratado por Campbell, destaca que:

O herói moderno luta contra um estado de coisas não mais instituído por deuses ou monstros mitológicos; ele luta contra o próprio homem – seres humanos que encarnam em si mesmos a imagem onírica de um monstro. O herói moderno não encarna mais a figura do “bom moço”, mas representa uma personagem mais esférica, dotada tanto de atitudes bondosas como de atitudes nefastas (ALVES, 2009, p.8).

Apesar dessas mudanças culturais presentes em nossa sociedade, a figura do herói continua vigente, considera-se, porém, que “o heroísmo convertido em espetáculo pela mídia, tende a dissolver a memória, a recordação heurística e ativa, a reminiscência identificadora de um nós social” (MATOS, 1995, p. 5). Dessa maneira, verificamos em nossas mídias atuais, a presença deste arquétipo “desconstruído, híbrido, mítico, frustrado muitas vezes, levando o espectador a identificações, reflexões e projeções instáveis do próprio eu” (FURTADO; CAUDURO, 2007, p. 8). Tal fato pontua e realoca as particularidades do herói na atualidade.

O heroísmo em Tropa de Elite 2 (2010)

O personagem do Capitão Nascimento, apesar de sua conduta questionável, cativou grande parte dos brasileiros. Sua voz está presente nos dois filmes, *Tropa de Elite 1* (2007) e *2* (2010), pois ele atua como um narrador coloquial e onipresente, que justifica todas as suas atitudes perante o público, revelando seu ponto de vista sobre os fatos e, por consequência, a sua moral.

No primeiro filme, somos apresentados à postura radical do Capitão e a sua conduta íntegra: apesar de violento, ele é diferente, pois não é corrupto. Por conta disso, ele provocou grande empatia no público. Entendemos a ideologia do Capitão Nascimento, sua

dedicação ao trabalho que, inclusive, interfere na sua relação familiar, pois mais que os ame. Aos poucos, compreendemos os elementos que tecem o seu heroísmo, e por isso é ele ressaltado em meio a uma trama multifacetada.

Após o sucesso do personagem no primeiro filme, ele retorna com total centralidade em *Tropa de Elite II* (2010). E assim reforça-se sua jornada como herói. A polêmica da violência social cotidiana não é mais o centro da ação; agora este aspecto está é secundário na trama. Em contrapartida, vem à tona a luta contra um vilão concreto. O subtítulo do filme, o *Inimigo Agora é Outro* (2010), acentua essa mudança de atitude, reforçando que o personagem é o mesmo; o que mudou é o foco da sua luta. *Tropa de Elite II* (2010) mantém a construção não-linear da narrativa, com a voz de Nascimento como narrador onipresente e onisciente. Percebemos que o jovem Nascimento do primeiro filme está envelhecido, imerso no universo de seu trabalho. Além disso, passa a ser Coronel, revelando-se como uma figura com maior detenção de poder. Ele, assim como o seu vilão, ganha mais forças.

Para percebermos o quanto *Tropa de Elite 2* (2010) se apropria da estrutura da Jornada do Herói, vamos realizar uma retomada do seu enredo, partindo da *Jornada do Herói* de Vogler (2006). Para tanto, cruzamos as informações da bibliografia com as características encontradas na jornada do personagem a fim de apresentar o quadro abaixo, que resume e compara objetivamente a Jornada do Capitão Nascimento com a Jornada do Herói:

Quadro 1- Comparativo das Jornadas, baseada em Vogler

Jornada do Herói	Jornada Capitão Nascimento
Mundo Comum	Rotina Trabalho capitão Nascimento (Invasão Bangu I)
Chamada à Aventura	Transferência para a SSI
Recusa do Chamado	Falha na missão, não tem opção
Encontro com o mentor	Novos superiores: secretário do Estado
Travessia do Primeiro Limiar	Início do seu novo emprego
Testes, aliados, inimigos	Rotina novo emprego: ascensão do BOPE, limpeza das favelas
Aproximação caverna oculta	Invasão bairro tanque
Provação	Morte do amigo
Recompensa (apanhando a espada)	Descoberta do inimigo, interceptação telefônica

Caminho de volta	Ataque à sua família
Ressurreição	Cena Tiroteio
Retorno com Elixir	Denúncia Plenário

Fonte: O autor (2015).

A partir dessa comparação, percebemos o quanto a construção desse personagem segue o padrão proposto por Vogler (2006), pois se utiliza de artifícios que aproximam o protagonista do modelo de herói clássico e tradicional. E nisso ele difere da construção do primeiro filme.

Nascimento, no decorrer de sua nova jornada, apresenta diversas facetas, aproximando-se de outras peculiaridades desse arquétipo que o consolidam como herói: o sacrifício e a aprendizagem. Vimos, anteriormente, que o sacrifício é uma qualidade estrutural para a construção do heroísmo. Nascimento sacrifica toda a sua vida pessoal para dedicar-se a sua luta, voltando-se para o trabalho. Podemos afirmar, também, que o personagem está aprendendo com os seus erros, sendo que ele combate o sistema que, de maneira indireta, ajudou a fortalecer.

Outra peculiaridade de Nascimento é que o percebemos tanto na diegese quanto fora dela, tendo em vista que “o personagem é diegético, mas a voz, como voz, não o é completamente, pois não mostra o narrador no ato de contar [...] Essa voz permite que um personagem da diegese dela saia ao mesmo tempo em que nela permanece” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2008, p.47). O ponto de vista deste enredo é apresentado de maneira onisciente pelo Capitão Nascimento através do artifício da narrativa em voz *off*, sendo essa uma particularidade da trama.

O narrador e o personagem Nascimento apresentam papéis que diferem no enredo, como iremos observar abaixo, tendo em vista que o filme consegue impor questões ao espectador por usar recursos melodramáticos com o personagem Nascimento, que são reforçados pelo poder de controle da narração do mesmo. Realizar essa divisão é fundamental para compreendermos as particularidades desse herói.

Para podermos compreender essa divisão entre personagem e narrador, iremos observar dois trechos do filme nos quais podemos ponderar as divergências entre os dois polos em que ele atua.

Na primeira narração observada, Nascimento está interagindo com seu filho:

Narração 1: Luta com o Filho
Duração 36'51'' 38'20''

Trilha Sonora: Suspense

Voz off: **Meu filho tinha medo de mim, a Rosane me achava um fascista, Matias me considerava um traidor. Eu tinha que ficar deprimido, parceiro. Só que eu não fiquei, a minha missão era mais importante que meus problemas pessoais.** Eu meti a cara no trabalho, amigo, exorcizei meus demônios na secretaria de segurança pública do Rio de Janeiro. Eu fiz o que eu disse pro Matias o que iria fazer. **Transformei o BOPE em uma máquina de guerra.** Comigo na secretaria de segurança, o BOPE passou a ter 390 policiais e 16 equipes táticas. Antes, a gente tinha 8 viaturas, agora a gente operava de blindado e helicóptero. **Pra certas pessoas, a guerra é a cura, a guerra funciona como uma válvula de escape. Pressão aumenta em casa, pau canta na rua, comigo foi sempre assim!**

Constatamos nesse trecho um narrador que ressalta a maneira como sua vida pessoal reflete no cotidiano o seu trabalho e reforça que fatores particulares o tornam mais violento, como podemos observar na última frase de destaque na narração. Aqui encontramos um ponto que aproxima o herói do espectador: nossas vidas profissionais são constantemente influenciada por fatores externos. Nascimento, assim como nós, é influenciado por elas.

Percebemos, também, um tom informal e coloquial nesse trecho. O narrador constrói uma relação de proximidade com o público. Além de contar a sua história de vida, o locutor justifica as suas atitudes. Percebemos um narrador apelativo que justifica as suas atitudes, expondo o quão difícil é a sua rotina com todos contra ele.

No entanto na cena em que acompanha essa narração podemos observar o Nascimento a partir de outro ponto de vista, que é o seu diálogo com o filho:

Cena 1: Luta do filho

34''13 35''31

Nascimento: Pega com as duas mãos no quimono, Rafa.

Barulho de gritos, torcida.

Nascimento: Vamo, Rafa! Boa, boa! Senta, Rafa! Boa olha o gancho OLHA O GANCHO!

Nascimento: **Tudo bem, tudo bem!** Sabe do que eu não gostei? Dessa tua mão solta. As duas mãos têm que tá no kimono!

Filho: Eu não queria lutar!

Nascimento: Que você não queria lutar? Me encheu o saco o mês inteiro, que não queria lutar! Tamo aqui agora, então vamos ganhar, lutar para ganhar!

Filho: **Eu não sou que nem você de bater nas pessoas, não!**



Fonte: cenas de *Tropa de Elite: o Inimigo Agora é Outro* (2010).

A partir das imagens que compõem a sequência, percebemos o quanto o rosto dele é valorizado, revelando uma figura entediada, envelhecida e cansada. Aqui destacamos o confronto da personagem com o seu filho, no *frame* 1(g), no momento em que a criança diz para o pai: *Eu não sou que nem você de bater nas pessoas, não!* O impacto dessa conversa deixa Nascimento sem reação, em estado de choque. Essa sequência permite construir uma ponte de compaixão entre o espectador e o personagem. Tendo em vista que a voz infantil, ao enfrentar a voz do pai, deixa-o sem palavras.

Aqui, reparamos o protagonista com uma roupa informal, porém, sério. Sua aparência envelhecida está mais ressaltada e os planos seguem valorizando o seu rosto. Nascimento se mostra incomodado com a perda da luta, mas ao mesmo tempo incentiva o seu filho, sendo compreensível com ele.

Na próxima narração observada, percebemos as características do personagem no momento final do filme:

Narração 2
Cena Denúncia Plenário
 Duração: 1:46'19'' 1:48'
 Trilha: Suspense

Narração off: Eu fui para a CPI do Fraga para detonar o sistema. Eu fui lá para falar a verdade, pra dizer o que eu tava sentindo. **Contei tudo o que eu sabia, reconheci meus erros** e falei por mais de três horas. Eu dei porrada em muita gente, botei muito político corrupto na cadeia. Por causa do meu discurso, **teve filha da puta que foi pra vala muito antes do que esperava**. Foi a maior queima de arquivos da história do Rio de Janeiro, e **mesmo assim o sistema continua de pé**. O sistema entrega a mão para salvar o braço, o sistema se reorganiza, articula novos interesses, cria novas lideranças. Enquanto as condições de existência do sistema estiverem aí, ele vai resistir. **E agora me responde uma coisa: quem você acha que sustenta tudo isso? É, e custa caro, muito caro**. O sistema é muito maior do que eu pensava, não é à toa que os

traficantes, policiais e os milicianos matam tanta gente nas favelas. **Não é à toa que existem as favelas, não é à toa que acontece tantos escândalos em Brasília, que entra governo e sai governo a corrupção continua. Para mudar as coisas, vai demorar muito tempo. O sistema é foda. Ainda vai morrer muito inocente.**

Nesse trecho, o narrador afirma que reconheceu seus erros, denunciando a corrupção, como verificamos na frase: *Contei tudo o que eu sabia, reconheci meus erros*. Além disso, ele ressalta a sua incapacidade de vencer o seu inimigo. Há uma transferência das falhas cometidas no decorrer do enredo para o sistema. O interlocutor ressalta que essa batalha é impossível de se vencer, considerando que o seu inimigo possui uma força indestrutível.

Nascimento conversa com o espectador, ele nos questiona, comprovando que a sua narração é um diálogo conosco. Evidenciamos, nesse bloco, um narrador que reconhece e justifica os seus erros para o espectador, explicando a proporção do sistema. A sua revolta é outro artifício de aproximação com o interlocutor. O narrador, assim como nós, está indignado com a realidade que o cerca.

No entanto, quando vamos para o plano das imagens e dos diálogos diegéticos, o personagem Nascimento apresenta outras características como podemos observar:

Cena 2: Denúncia Plenário
1h44'03''1'46'21''

Nascimento: Se me permite deputado, gostaria de dizer algumas palavras antes de começar as perguntas.

Fraga: Pois não, o senhor tem o tempo que for necessário!

Nascimento: **O meu nome é Roberto Nascimento**, sou tenente coronel da polícia militar do estado do rio de janeiro, **me dediquei 21 anos da minha vida à polícia, de modo que não é fácil dizer o que vou dizer aqui agora: a verdade é que a PM do Rio tem que acabar.**

APLAUSOS

Nascimento: **quando o meu filho tinha 10 anos** (pausa) **quando meu filho tinha 10 anos, ele me perguntou por que eu tinha que matar**, meu filho Rafael que agora está no hospital vítima de um tiro de pistola. **E eu não sei responder a pergunta dele. Eu tenho 21 anos de polícia e não sei dizer por que eu matei, por quem eu matei. Mas eu posso afirmar com certeza, senhores deputados, é que policial não puxa esse gatilho sozinho.** Deputado Fraga, metade dos seus colegas, metade dessa casa, devia estar na cadeia.

TUMULTO

Fraga: Por favor, pessoal, para manter garantir a palavra do depoente.

Nascimento: Metade é pouco deputado!

Fraga: Por favor, pessoal

Nascimento: Metade é pouco! Aqui tem uns seis ou sete de ficha limpa

TUMULTO

Fraga: Senhores vamos manter o silêncio para manter a integridade do depoente! Por favor!

Nascimento: Deputado Fortunato, o senhor é chefe de uma das maiores organizações criminosas dessa cidade!

Fraga: Por favor, vamos manter o silêncio, por favor.

Nascimento: O senhor age em parceria com o comandante, ex-comandante da polícia, segurança do Rio, o secretário de segurança, o senhor Guaraci Novaz, um

dos piores bandidos que eu tive o desprazer de conhecer na minha vida como policial. Eu posso afirmar aqui, seu deputado, que o governador do estado do Rio está diretamente envolvido nos crimes investigados nessa casa. Eu afirmo que o governador do estado está envolvido nos crimes investigados pelo deputado Diogo Fraga. Deputado Fortunato, o senhor é mandante de mais de 20 assassinatos da zona oeste dessa cidade. Entre eles, você é mandante do assassinato do meu amigo, capitão da polícia militar André Matias.

Fraga: Senhores, vamos manter o silêncio, por favor!



Fonte: cenas de *Tropa de Elite: o Inimigo Agora é Outro* (2010).

O enquadramento e os planos utilizados são os mesmos da cena anterior. Isso nos permite refletir em relação ao ponto de vista observado. Constatamos, com essas cenas e os seus respectivos enquadramentos, que o ponto de vista coincide com a do narrador, sendo exterior a história. Nós apenas observamos a situação de uma maneira muito próxima ao personagem.

No depoimento, constatamos o desconforto dele ao falar: o que ele está dizendo é algo difícil para ele. O tom de seriedade é colocado em contraponto com o cenário que apresenta tumulto, confusão e falta de respeito por parte dos políticos. O protagonista reforça que não sabe por que e nem por quem ele matou, ressaltando que os seus assassinatos não são sua culpa, e afirma que *policial não puxa esse gatilho sozinho*. Ou seja, ele se absolve dos seus crimes: a culpa é do sistema corrupto. Nascimento é apenas uma vítima, assim como o seu filho. O personagem revela que aprendeu a partir das críticas, concordando que a polícia militar deve deixar de existir.

Aqui vemos um personagem humilde que sofreu com seus erros e busca a rendição. Para tanto, denuncia todos os crimes que conhece na busca de melhorar a realidade atual. Seu tom de voz é agressivo: ele tem raiva. Percebemos isso em sua fala.

Observando o conjunto de imagens dos blocos analisados, é possível perceber as ambiguidades na construção desse personagem, e o seu modo de construir sistematicamente

a empatia com o público. No momento em que ele é julgado pelo próprio filho, sentimos piedade pelo herói; em seu discurso final, apoiamos suas palavras.

Esse é um herói que possui características como a solidão, a incompreensão e a revolta. A violência não é um ponto de destaque na rotina do Nascimento apesar de sua autoridade. O melodrama do seu relacionamento familiar e a falta de compreensão por parte dos que o cercam são pontos que destacamos na jornada do protagonista.

Em contraponto, percebemos, nos trechos de narração observados, características como a tendência à: radicalidade, ironia e informalidade do narrador. Verificamos, também, um viés na narração que busca se igualar ao espectador, e que justifica as suas atitudes perante o público. O narrador, apesar de detentor de poder, iguala-se ao espectador ao assumir os seus erros no final da sua jornada. Entretanto, ele esclarece suas ações como sendo *nada pessoais*; é apenas o seu trabalho. Enquanto narrador, ele é uma figura perturbada e ambígua, considerando que ele assume os seus erros e, ao mesmo tempo, segue reforçando o seu tom de violência e autoritarismo no decorrer da narração.

Ademais dessas observações, constatamos que o ponto de vista narrativo é exterior e objetivo, derivando estritamente dessa figura; a sua opinião está presente sobre os personagens e a história contada. O espectador e o personagem escutam de maneira dissociada, e as informações fundamentais são compartilhadas apenas com quem está fora da diegese.

Considerações Finais

Ao separarmos o objeto em duas partes, é possível identificar detalhes que não perceberíamos em sua totalidade, porém é fundamental sabermos que estas qualidades representam o Nascimento. Os requisitos do narrador e do personagem não se anulam, eles se acrescentam, portanto, afirmamos que o herói apresenta todas essas particularidades.

Observando a personalidade do herói Nascimento, constatamos qualidades questionáveis, traços que o aproximam da definição de anti-herói proposta por Brombert (2001). Porém, o protagonista alega lutar para derrotar o sistema corrupto, uma batalha que almeja o bem comum. Tal fato o aproxima do herói tradicional apresentado por Vogler (2006): aquele que abdica de tudo e de todos para lutar por uma causa. Perceber tais facetas permitem entender esse personagem como um herói contemporâneo complexo.

O contraponto entre a formalidade do personagem e a informalidade do narrador é o fator que o aproxima do público. Nascimento, ao mesmo tempo que está lutando por uma

causa e sofrendo as consequências, também apresenta-se como uma figura que apenas nos conta a sua história. O seu posicionamento é exposto da maneira que o convém, buscando uma cumplicidade constante entre o público e a sua narrativa. Essa distinção de papéis permite que o narrador tenha poder absoluto, facilitando a comunicação com o espectador.

Já o personagem da trama sofre constantemente, como convém a todo bom herói clássico. Nascimento é incompreendido diversas vezes no decorrer de sua jornada e precisa lutar sozinho pelo bem comum e pelo bem pessoal, revelando que o melodrama o acompanha. Esse personagem solitário sofre constantemente o julgamento das pessoas próximas a ele, sendo esse o fator chave para aproximá-lo do público.

Apesar de sua postura radical, suas falas mais violentas passam, por vezes, despercebidas pelo espectador. A tensão da história permite ao espectador afastar-se da problemática da violência em questão, centrando-se apenas no personagem. O uso destacado de muitos primeiros planos favorece essa identificação entre personagem e público, ao mesmo tempo em que permite ao espectador acompanhar o personagem em sua totalidade, dando margem para que ele justifique seus atos. E, sendo um herói contemporâneo, suas atitudes são como ele: nem completamente boas ou más.

Não restam dúvidas que *Tropa de Elite: O Inimigo Agora é Outro* (2010) se apropria do modelo de herói para atingir uma comunicação efetiva com o público, tornando-se o filme mais visto do cinema brasileiro⁵. Provavelmente os artifícios da Jornada do Herói utilizados na construção desse protagonista foram importantes para construir a tão almejada ponte com a audiência.

Por outro lado, nossa reflexão nos permite constatar que este é um herói perdido, irônico e radical. O seu extremismo passa de maneira despercebida pelo público, num primeiro momento, numa primeira visualização, mas desfaz-se quando o observamos mais detidamente. Aqui arriscamos a indagar sobre esse olhar desatento do público, tendo em vista a realidade atual do nosso país, na qual percebemos uma representatividade do extremismo como característica de nossa sociedade. Capitão Nascimento é um herói consolidado e, como consequência, sua personalidade representa os desejos de nossa população. A aproximação da sua jornada com a nossa realidade social muitas vezes cruza a linha entre a ficção e o documental que o cinema, enquanto entretenimento, procura manter.

⁵ **Dados retirados do Observatório, em Dados do Mercado** – Filmes e Bilheterias da Agencia de Cinema Nacional, Ancine. Acessado em: <http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2105-22052015.pdf>

Problematizamos a questão do herói a partir deste objeto. Entretanto, este objetivo não deveria parar por aqui, já que devemos interpelar que heróis são consumidos e produzidos no Brasil, até atingirmos a percepção deste arquétipo em território nacional de maneira consolidada. Nossa sociedade é um reflexo de seus heróis e nossos heróis são reflexos de nossa sociedade.

O impacto que o Capitão Nascimento aporta para o cenário brasileiro é o surgimento de um herói que difere de características pejorativas, como a malandragem, resultando em um personagem “meritório” que luta pelo bem comum. Nossa cinematografia construiu um herói em quem a população almeja se reconhecer, apesar de todas as suas falhas.

A sua essência íntegra e não corrupta apresenta uma qualidade que se almeja para todos os que ocupam postos de comando no País. Para atingi-la, o público tende a desvalorizar, ou a relevar, todos os outros pontos que este herói contempla. Isto é obtido com o artifício do uso constante do primeiro plano: a empatia supera todas as barreiras com o tempo de exposição. O protagonista tem margem para justificar suas atitudes e o público quer entendê-las, tendo em vista que este último está sedento de um herói “digno” para se sentir representado.

A questão da problemática social abordada de maneira irônica resulta em problemas de interpretação. O objetivo do diretor é claro, dado o seu histórico: com este filme ele almeja denunciar a nossa realidade de policiais corruptos e crimes cometidos pelo nosso Estado. O contraponto de Nascimento é colocado na narrativa, mas o herói e suas falas atingem o público, expondo exatamente o que ele deseja falar e agir. A ironia é captada por poucos. Embora ambíguo e ainda violento, o Coronel Nascimento apresenta a face de um novo herói cinematográfico brasileiro, que é aplaudido, e até almejado, por grande parte da população brasileira. Violento, autoritário e conservador, este personagem deixa claras as mudanças sofridas pelo nosso cinema nessa última década e meia.

Referências bibliográficas

ALVES, Júlia. A transposição do Herói em “V de Vingança”. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL. 10., 2009. **Artigos**. Blumenau: INTERCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0847-1.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BROMBERT, V. H. **Em louvor de anti-heróis**: figuras e temas da moderna literatura europeia. Trad. José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. Trad. Adail Ubirajara. São Paulo: Cultrix Pensamento, 1997.

IGLESIAS, Juan J. Vargas. **Los héroes estan muertos**: heroísmo y vilanía em la television del nuevomilenio. Sevilha: Dolmen. 2014.

JUNG, Carl. **O Homem e seus símbolos**. 5. ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1964.

FURTADO, Maria Beatriz; CAUDURO Flávio Vinicius. Imagens e imaginários: do moderno ao pós-moderno. **E-Compós**, Brasília, v. 9, 2007. Disponível em: <[HTTP://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/180](http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/180)>. Acesso em: 9 abr. 2015.

MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do Herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social, Revista Sociologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 83-90, 1995. Disponível em: <www.revistas.usp.br/ts/article/download/85085/87975>. Acesso em: 16 abr. 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Meridional, 2006.

ROSSINI, Miriam de Souza. Policarpo e Macunaíma: duas visões do nacional no cinema. In: Catani, Afranio Mendes. (Org.). **Estudo Socine de Cinema**. São Paulo: Panorama, 2003, v. 4, p. 133-141.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: escrituras míticas para escritores**. Trad. Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006